

PRIMEIRO CASAL DE SIMPATIZANTES DA CONGREGAÇÃO

Traços de um homem e uma mulher, que podem ser considerados o primeiro casal de Simpatizantes do Carisma da Congregação.

Na, foto de 1921, podemos ver o senhor **João Cereale**, junto a um grupo de jovens Irmãs.



No centro está Irmã Clemência Beninca, das Irmãs da Divina Providência, que por 14 anos coordenou, orientou, acreditou, estimulou, junto com Frei Policarpo Schuhen, a Congregação, na época chamada de Companhia, tanto que, quando assinava algum documento ela mesma se designava “Diretora das Catequistas”.

Irmã Ambrosina da mesma congregação, que a auxiliava como orientadora pedagógica das primeiras candidatas professoras.

Vemos aí, à esquerda, Frei Policarpo e, à direita de quem olha, o grande benfeitor **João Cereale**. Só não está a esposa, porque partira para a eternidade ainda em 1916.

O que chama a atenção, é que nossa Crônica, livro onde se registram os fatos mais importantes da nossa história, o chama de segundo fundador da congregação. Isto nos faz afirmar que **ele e sua esposa, foram o primeiro casal de Simpatizantes**.

Um edifício nunca é construído por uma pessoa só. A Congregação não nasceu da noite para o dia. Havia uma necessidade e uma exigência do governo de Santa Catarina: professores que dessem aula em língua portuguesa.

Havia um povo imigrante, que clamava por catequese para seus filhos. Houve um idealizador chamado Frei Modestino Oechtering e um pároco inteligente e ousado que soube captar a idéia e colocá-la em prática, chamado Frei Policarpo Schuhen.

Nada, porém, teria acontecido se Amábile, Maria e Liduína, mulheres corajosas, não tivessem escutado o chamado e dado o seu Sim generoso.

Em 1913, Irmã Amábile Avosani e, em 1914, Irmã Maria Avosani e Irmã Liduína Venturi. Elas acataram esse desafio, confiando em Jesus que disse: **Não tenham medo. Eu estarei com vocês!**

Quem as acolheu na sua casa, acreditou na ação do Espírito e as orientou, foi outra grande mulher chamada Irmã Clemência Beninca, já religiosa da Divina Providência, que orientava o grupo das Filhas de Maria e da Ordem Terceira Secular, além de professora na Escola Paroquial, onde nossas primeiras irmãs estudaram.

No começo de 1915, considerado ano da fundação, o grupo das três primeiras: Amábile, Maria e Liduína afirmaram para Frei Policarpo que seu Sim seria para sempre, causando surpresa e alegria ao fundador. Porém, o grupo começou a aumentar.

No final de 1915, já eram nove jovens e, no final de 1916, vinte e uma irmãs. Está claro que não poderiam continuar morando sempre no convento Menino Deus, das Irmãs da Divina Providência, em Rodeio, onde foram acolhidas.

É aí que entra a história de nosso querido amigo João Cereale, que acreditou na missão evangelizadora do pequeno grupo que surgia.

Como se deu isso? Em 1913, a jovem Amábile Avosani hospedou-se na casa da família Cerutti, em Aquidabã, hoje Apiúna-SC.

Em 1914, o casal João (Giovanni) Cereale e Maria Monteverdi, que não tinha filhos, acolheu Amábile em sua casa. Começou uma vivência muito simples e fraterna. Por isso, Amábile sempre teve grande apreço por esse casal, vindo ele a ser uma espécie de pai e “nonno” das Irmãs. Eles valorizavam com carinho o desenrolar dos trabalhos criativos de Amábile na escola, na igreja e comunidade.

Vendo que o grupo crescia e não tinha onde morar e se encontrar nas férias, dialogando com Frei Policarpo, **vendeu tudo o que tinha em Aquidabã** e, junto com Frei Policarpo, compraram uma casa velha em Rodeio, no final de 1915. Nessa obra, ele empregou tudo o que tinha, como veremos a seguir, no relato da Crônica.

No início de 1916, o casal Cereale mudou-se para Rodeio, estando dona Maria já muito doente, sendo então cuidada pela Irmã Maria da Silva. No dia 22 de maio do mesmo ano, desprendida de todos os bens materiais, dona Maria faleceu, com a certeza de que seus bens contribuiriam para o crescimento e fortalecimento da missão.

Assim, graças à generosidade desse casal benfeitor, as irmãs puderam ter sua casa de encontros e de férias, para dialogar e estudar, sempre ajudadas pela perspicácia e amor da Irmã Clemência e o saber pedagógico de Irmã Ambrosina, acolhendo o **novo e diferente** que estava surgindo.

Nossa Crônica diz: *“Como o senhor Cereale e sua esposa haviam dado terreno e casa às Catequistas, assim também, o mesmo benfeitor dotou-as da mobília necessária. Foi ele que mandou fazer as camas em número de trinta a quarenta. Foi ele que deu as roupas necessárias para as camas. Comprou ainda tecido necessário para a confecção das vestes das Catequistas. Foi ele que, dando os animais que possuía, deu um seguro material, como Deus tinha dado pelo Senhor Bispo um seguro espiritual, expressando a bênção e a vontade de Deus. Como outro Cristo, ele se despojou de tudo para dar às abnegadas filhas de São Francisco tudo o que era necessário. Alma grande, alma rara, alma generosa do nunca esquecido João Cereale”*.

E continua a Crônica: *“O velho João Cereale, além de tudo o que tinha dado à Companhia, ainda deu o próprio trabalho. Incansavelmente trabalhava na horta e na roça e fazia as viagens para as Catequistas, levando-as a seu destino ou buscando-as no tempo de férias. Na lembrança do povo ainda estão suas expressões cheias de reverência: **‘Fui encarregado de buscar as reverendas Maestras’** e ainda: **‘Tenho a honra de vos confiar as reverendas Catequistas’**. Numa palavra, o Senhor Cereale, chamado o “Nonno” era impagável: *Todo de Deus e todo a bem fazer*”*.

Ainda diz a Crônica: “No dia 16 de junho de 1926, morreu **o segundo fundador da Companhia**, o Senhor João Cereale. Sua morte foi o eco de uma vida verdadeiramente católica. Até o último dia foi participante atento e devoto de todos os atos religiosos na igreja-Matriz. Sucumbiu já nonagenário, a um ataque de coração, perdendo o uso dos sentidos e morrendo placidamente, depois de ter sido unguido com os santos óleos. Seu enterro, num domingo à tarde foi um ingresso glorioso no cemitério...”.

A Congregação está quase completando cem anos de fundação a serviço do povo. Queremos registrar aqui um agradecimento especial a João Cereale e Maria Monteverdi pela coparticipação generosa, no começo da nossa caminhada. “Devemos aprender com os sinais que a história nos deixa, como fazer o novo”.

Queremos ainda dizer que, diversos leigos e leigas nos ajudaram no início e ao longo dos anos. Até 1926, em nossa casa havia uma espécie de asilo. As pessoas idosas ajudavam nos trabalhos e, quando doentes as Irmãs cuidavam delas. Com isso, ao morrerem, deixavam seus poucos bens à Companhia das Catequistas.

Podemos citar o nome do senhor Francisco Debarba, pai de duas Irmãs Catequistas, que foi aceito como morador da casa, em 1920. Deu tudo o que possuía, para ser cuidado até à morte.

Muitas de nós o conhecemos como *nonno* Debarba. (Não podemos confundi-lo com João Cereale). No começo era um homem forte e de boa saúde. Prestava serviços nas roças, nos arrozais e no trato dos animais. Durante trinta anos, cumpriu a tarefa de tocar a campainha às 04h15m, para acordar as pessoas do asilo e as irmãs. Muito religioso, de missa e terço diários, foi acolhido nos braços do Pai, no dia 17 de novembro de 1949.

Irmã Augusta Neotti
Rio dos Cedros - SC